

Esquina de Brasília

YVONNE JEAN

Se jamais um Curso de Extensão Cultural foi bem aceito pela cidade, derramou cultura da maneira mais positiva — divertindo —, atraiu multidões e cumpriu perfeitamente o papel de um setor universitário de Extensão Cultural, foi o Curso de Apreciação Cinematográfica, que a antiga UNB dava duas vezes por semana na Escola-Parque. Quando a atual universidade de Brasília anunciou que fecharia seu setor de extensão cultural por não considerá-lo indispensável foi, talvez, a ausência do Curso de Cinema de arte, experimental, novíssimo ou antiquíssimo que mais foi sentida pela população de Brasília.

Por isso, é com verdadeira alegria que anunciamos, hoje, a continuação deste Curso. A iniciativa foi da Fundação Cultural, que já entrou em entendimentos com o Professor Paulo Emílio Salles Gomes para que comece a preparar assuntos e filmes para este inverno.

O Curso não poderá prosseguir na Escola-Parque que, mais uma vez, terá de permanecer fechada por algum tempo devido a novas obras. Desta vez, é o telhado que requer cuidados... o que, aliás, é compreensível num prédio que sofreu uma vez um incêndio cujas conseqüências se fazem sentir até hoje, no momento em que a chuva atacou a maioria das coberturas das nossas casas. Parece que a oferta pela TV nacional de seu auditório será aceita e que o novo ponto de reuniões hebdomadárias será marcado na Avenida W 3.

Não podemos garantir a vinda regular de Paulo Emílio Salles Gomes para sua apresentação inteligente, e humorística dos filmes ou ciclos de 1966. Segundo notícias ainda não confirmadas mas aparentemente seguras, iniciaria, agora, a reestruturação de seu Curso Universitário

de cinema na Universidade de São Paulo, com toda a sua equipe que tão bem conhecemos — Jean-Claude e Lucília Bernardet, Nelson Pereira dos Santos — e a vinda ocasional das personalidades marcantes do atual cinema novo brasileiro.

Só podemos felicitar os estudantes paulistas pelas possibilidades de encontro em profundidade com o bom cinema nacional e internacional e a beleza da arte surgida nos tempos modernos que Charles Chaplin concebe como "uma omnipresença da morte e do encanto, uma risonha melancolia que discernimos em todas as coisas da natureza e da existência, essa comunhão mística que sente o poeta... algo assim como um raio de sol dourando a poeira que esvoaça, ou como uma rosa caída na sarjeta... a beleza que El Greco foi aprender em Jesus Crucificado".

Só podemos felicitar a Universidade de São Paulo pela iniciativa e dar os parabéns a Brasília que teve, a primeira, a presença dessa realização e jogou fora a oportunidade de torná-la permanente e transformar, paralelamente, em brasilienses o coordenador do ex-Curso de Cinema e seus colaboradores, como também sua esposa a escritora Lígia Fagundes Telles.

Ignoramos, ainda, quem ficará responsável entre nós pela apresentação dos filmes que Paulo-Emílio escolhera, mandará e, quando possível, comentará. Desde já, porém, aplaudimos a inteligente e positiva iniciativa da Fundação Cultural de Brasília cujo I Festival de Cinema, em 1965, já foi um primeiro e acertado passo em direção à presença do cinema-arte, cinema-experiência, cinema-vida em Brasília e esperamos com alguma impaciência o anúncio do primeiro ciclo que nos apresentará.

Cinema